

Que vergonha, José!

GAUDÊNCIO TORQUATO

José Ribamar Ferreira de Araújo Costa, vulgo José Sarney, imortal, ex-presidente da República, homem de convicções monásticas, que elevou aos pináculos a liturgia do poder, senhor absoluto da cultura política maranhense, quem diria, acabou no Amapá. Correu para um Estado com 118 mil eleitores, um recanto longínquo que desperta a cobiça de aventureiros, espertinhos e políticos de primeira viagem. Tem gosto de fel o destino dos homens que batem cabeça nas curvas do caminho. Só pode ser amarga a vida de quem não sabe administrar solavancos no declínio do prestígio.



São, no mínimo, intrigantes as razões que levam um ex-presidente da República a trocar a austeridade de seu perfil pela decisão canhestra de enfrentar o pântano da pequena política. Pois ninguém pode designar de boa ética política o fato de alguém, tirando proveito de sua grande visibilidade pública e prestígio decorrente do exercício das altas funções presidenciais, cair de pára-quedas sobre corações sofridos e mentes angustiadas, com o objetivo exclusivo de colher votos. O conceito de legitimidade repousa sobre o espírito da representatividade e esta inexistente sem a proximidade de um candidato junto a seu grupo de eleitores.

Não se pode negar a um ex-presidente o direito de ir e vir, de votar e ser votado nos lugares onde achar conveniente, cumpridas as exigências legais. Os postulados éticos da política aconselham, porém, que nada se faça que possa comprometer as normas que regulam as relações entre candidatos e seus representantes ou que ameacem conspurcar o sentimento moral da representação. Sarney não é do Amapá, nunca morou no

Estado, mas é conhecido. Será senador pelo Amapá, possivelmente, mas terá os olhos voltados para o Maranhão, com certeza. Receberá alguns poucos votos, mas o suficiente para lhe dar um mandato e um quinhão. No contexto federativo, o Amapá tem os mesmos direitos de São Paulo. Moralmente, porém, Sarney será um senador menor. Pois a grandeza de um senador é parcela indissolúvel de sua identidade. De seu caráter e de sua coragem.

Os homens, segundo a ciência política, buscam o poder a fim de conseguir o bem coletivo, tendo em vista seu próprio interesse e até por motivos inconscientes. No primeiro caso, desejam proteger os interesses dos cidadãos, conseguir justiça para todos, beneficiar o Estado e assegurar a vida, a liberdade e a busca da felicidade. No segundo caso, os ho-

Sarney e Pedreira, quem diria, trocam figurinhas na poeira de Macapá

mens ambicionam o poder impelidos por paixões e guiados por certa dose de razão. Seu interesse pode ser o de obter vantagens para si ou para o estrato mais amplo com o qual se identificam. E, por fim, os motivos inconscientes indicam desejos dos homens de adquirirem fama, admiração, segurança, respeito, riqueza e outros valores.

Pode-se dizer que um candidato como Sarney elege variáveis diferentes para sua ambição de poder. Certamente, entre elas está a necessidade de se fazer presente no momento político, ele que passou pela fama e se refugiou na obscuridade de um ídolo amargurado pela queda de prestígio. Sarney pode ter motivos lógicos para eleger o Amapá como seu novo reduto político. Mas fica devendo à Nação a explicação para a dissonância resultante do vácuo entre sua identidade e sua imagem.

A austeridade sarneyca, ou pe-

los menos sua cara, explicita, aquela extensão do formalismo ambulante, metida num jaquetão de seis botões, não se enquadra no time de Antônio Pedreira, folclórico candidato do PPB que se arvorou em representante dos negros na campanha presidencial passada. Pedreira e Sarney, quem diria, trocam figurinhas na poeira de Macapá, aquele desejando vender "por um preço camarada" ao compenetrado ex-presidente seus quatro minutos de TV. Para quem se acostumou a ouvir o patético "brasileiras e brasileiros", há pelo menos a consolação de saber que ao ilustrado maranhense não sobra alternativa. Vai ter de usar o designativo genérico de "amapaenses" para suas eleitoras e eleitores. Resta a sonoridade de uma palavra amazônica e cheia de mistérios.

Na caça ao voto, os peixes menores que nadam nas tumultuadas águas dos Estados que votam pela primeira vez certamente vão chafurdar em meio à dinheirama, acordos, trocas e negociações. O povo do longínquo Norte não tem escolha. Infelizmente, está sendo objeto de uma trama criminosa. Busca-se sua confiança com ilusões. É o preço da consolidação da Federação. Os Estados que só agora iniciam sua caminhada institucional pagam o preço da febre da conquista. Tudo vale no reino da politicalha. Só se lamenta que o desbravamento político do Norte registre, no topo de sua engrenagem, a figura respeitável e severa de Sarney.

Os ex-presidentes assemelham-se a senadores romanos aposentados. Escassos cabelos encanecidos, postura de grandeza e autoridade, dignidade contida no peito e olhar duro de magistrado. Não se sabe o que estará pensando a magnânima mãe, dona Kiola. Mas tem muita mãe no Brasil que gosta do ex-presidente e que não contém o balbucio, em forma de pequeno desabafo: "Que vergonha, José!".

Gaudêncio Torquato, jornalista, é professor titular da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e analista político

lar.
Né
Mc
do:
Rog